



Universidade de Brasília - UnB Faculdade de Educação – FE

**Paula Vitória Lima de Carvalho**

**TEATRO INFANTIL NA REVISTA O TICO-TICO**

Brasília  
2020

**Paula Vitória Lima de Carvalho**

## **TEATRO INFANTIL NA REVISTA O TICO-TICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Etienne Baldez Louzada Barbosa

Brasília  
2020

Paula Vitória Lima de Carvalho

## **TEATRO INFANTIL NA REVISTA O TICO-TICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Etienne Baldez Louzada Barbosa

Brasília, 15 de dezembro de 2020.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Monique Aparecida Voltarelli  
Universidade de Brasília

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Norma Lúcia Neris de Queiroz  
Universidade de Brasília

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Shirleide Pereira Da Silva Cruz  
Universidade de Brasília

## RESUMO

Esta pesquisa, cujo foco de investigação é o teatro na revista O Tico-Tico, busca compreender como a criança e o teatro aparecem relacionados e representados no periódico, que circulou na cidade do Rio de Janeiro entre 1905 a 1961. A abordagem foi feita com enfoque documental que buscou estabelecer conexões com a leitura da Revista o Tico-Tico e o mapeamento bibliográfico dos conceitos de criança e infância. A análise do estudo nos possibilitou entender como se dava a relação da criança e o teatro na referida revista, bem como as relações que eram estabelecidas dentro das peças teatrais propostas pela revista que se dizia um periódico destinado às crianças.

**Palavras-chave:** Teatro; Revista O Tico-Tico; Educação; Arte-Educação.

## **ABSTRACT**

This research, whose focus is investigating the theater in the O Tico-Tico magazine, seeks to understand the relation between children and theater and how they are portrayed in the periodical, which was sold in Rio de Janeiro from 1905 to 1961. The methodology had a documentary focus and sought to connect the O Tico-Tico magazine and the bibliographic mapping of child and childhood concepts. The study analysis allowed us to comprehend how the child and the theater were connected in the magazine, as well as the relations established in the plays proposed by the magazine, which claimed itself to be a periodical aimed at children.

**Keywords:** Theater; O Tico-Tico magazine; Education; Art-Education.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ANPED – Associação Nacional de Pós-graduação e pesquisa em Educação

Art. - Artigo

BDM – Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DF - Distrito Federal

HDBN - Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

SCIELO – Biblioteca Eletrônica Científica Online

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O Palácio das Crianças na Exposição de Paris, 1889.....	14
Figura 2 - Teatro de sombras antigo “Xu Ernan, o herdeiro do de Zhejiang Haining”, na China.....	25
Figura 3 - Selo comemorativo do 1º Congresso Brasileiro de Teatro, circulado em 1951.....	27
Figura 4 - Trecho da revista que mostra como se executa o teatro de sombrinhas. 31	
Figura 5 - Fachada e interior do teatro Trianon.....	33
Figura 6 - Em destaque, trecho onde chapéus são proibidos no teatro.....	34
Figura 7 - Nota sobre a venda do almanaque do Tico-Tico .....	35
Figura 8 - Personagens das peças “O analfabeto” e “A cozinheira”.....	37
Figura 9 - História retirada da revista O Tico-Tico intitulada “minha mestra”.....	40
Figura 10 - Intitulada “Flor amada”, a maternidade é comparada às flores.....	40
Figura 11 - Imagem da Revista retirada da peça intitulada “Saudação à bandeira” onde mostra meninos exaltando a bandeira do Brasil.....	43
Figura 12 - Imagem que ilustra o texto intitulado “Sonho aos onze anos” onde a criança sonha em servir à pátria.....	43

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Quantidade de estudos científicos encontrados .....	16
Quadro 2 - O levantamento nas bases de trabalhos científicos .....	17
Quadro 3 - Temas e número de teses do 1º Congresso Brasileiro de Teatro .....	27



## **SUMÁRIO**

### **MEMORIAL**

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>1 A CRIANÇA E O TEATRO: UMA RELAÇÃO VISTA NOS NOVECENTOS</b>	<b>21</b>
1.1 A educação da infância no século XX no Brasil	21
1.2 O teatro como um referencial	24
1.3 O teatro no Brasil	26
1.4 Peças escolares: o teatro adentra a educação formal	28
<b>2 A CRIANÇA NAS PEÇAS TEATRAIS DA REVISTA O TICO-TICO</b>	<b>30</b>
2.1 Condutas adequadas e distinção entre classes: O Tico-Tico em cena	32
2.2 Representatividade negra na Tico-Tico	35
2.3 Diferentes ou desiguais? A questão de gênero no O Tico-Tico	39
2.4 Devoção à pátria e seus símbolos	42
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>45</b>
<b>PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>48</b>

## **MEMORIAL**

### **Apresentação**

O presente memorial mostrará minha trajetória, bem como as dificuldades para chegar ao final de um Curso Superior. Estabeleço relações das fases mais marcantes da minha vida pessoal, escolar e profissional, bem como tudo que vivenciei em cada uma delas que me fez querer ser um profissional de educação e fazer a diferença nesse mundo.

Sou Paula Vitória Lima de Carvalho, nasci em 3 de setembro de 1992 na cidade de Teresina no estado do Piauí. Sou de família humilde, meu pai veio para Brasília em busca de uma vida melhor para nós. Logo nos estabelecemos nessa cidade, eu tinha apenas 2 anos, meu pai passou no concurso do DNIT (Departamento Nacional da Infraestrutura de Transportes) em 1994 e minha mãe entrou na Fundação educacional do Distrito Federal como professora temporária e em 1996 entrou como efetiva.

Apesar de ter vindo para Brasília muito cedo, as recordações da minha infância são em sua grande maioria de momentos vividos no Piauí, pois era lá que eu passava todas as minhas férias de julho e dezembro, adorava ficar na casa da minha avó materna numa cidadezinha do interior chamada Agricolândia. Vivi uma infância feliz, uma brincadeira que é viva na minha memória é a de concurso de bolo de terra, onde eu e meus primos nos juntávamos no quintal da vovó e disputávamos quem fazia o bolo mais bonito, a gente colocava flor, graveto e diferentes formatos e os jurados eram minha mãe, minha tia e minha avó. Lembro ainda da minha paixão por bonecas e como adorava fazer teatrinho com elas, criava falas e fazia até preparação de figurinos, talvez aqui tenha surgido minha paixão por teatro.

### **Formação Educacional**

Quanto a minha formação educacional inicial na educação infantil não tenho muitas recordações, mas como minha mãe é daquelas professoras que guardam com zelo as fotos e atividades escolares eu pude ter flashes do meu jardim 3, que na nomenclatura atual seria equivalente ao 2º período do jardim de infância, na Escola ursinhos no Gama. O que mais me marcou foi o incentivo que minha

professora nos dava quando estávamos com os dentes moles e prestes a cair, ela nos dava coragem e arrancava sem nenhuma dor, eu achava aquilo incrível e de alguma forma me marcou.

Logo em seguida, fui para o 1º ano do ensino fundamental com a amada professora Sheila, essa lembro de quase tudo, ela que me alfabetizou. Tem uma aula em específico que me lembro com detalhes, ela colocou cada trecho do hino nacional com cenas ilustrativas as quais tínhamos que pintar e fazer a leitura, foi assim que aprendi toda a letra. Em todas as apresentações eu sempre era escolhida para fazer os papéis principais, tanto em musicais ou teatros, pois sempre tive facilidade para decorar falas e não tinha timidez. A professora Sheila me acompanhou por 3 anos seguidos, da 1º a 3º série, talvez por isso tenho tantas boas lembranças. Tive que sair da escola, pois saímos do Gama para o Núcleo Bandeirante, foi uma mudança brusca pois sai de uma escola pequena para uma grande rede de ensino.

Ingressei na 4º série na Escola São Domingos Sávio, da rede Salesiana de ensino. Uma instituição grande, fiquei assustada no começo pois vinha de uma escolinha e de repente me deparo com um pátio enorme, com quadras esportivas, lanchonete e sala de computação. Lembro que não tive problema em me adaptar, sempre fui daquelas crianças que faziam amizade fácil, muito comunicativa. Sempre fui a melhor da sala, adorava ensinar aos meus colegas, talvez foi aqui que comecei a despertar para a docência e a vontade de me tornar professora, além claro da grande influência da minha mãe.

Já pulando para o meu ensino médio, cursei na Centro Educacional Católica de Brasília, por lá não fiz muitos amigos. Foi uma fase crítica, pois era a “nerd” da sala e fiz pouquíssimos amigos, a maioria se aproximava por interesse em copiar meus deveres de casa ou que eu lhes ensinasse o conteúdo. Foi lá que pude presenciar que quando se tem um pouco mais de condição financeira as pessoas se acham superiores, nunca me senti pertencente àquele lugar, mas mesmo assim sempre fiz meu melhor. Sai até na capa da revista da escola, fui a aluna que mais frequentei os plantões de estudos no contra turno e nunca vou esquecer da fala que escutei de um dos meninos da sala “ Nossa, você vai sair na capa? Mas não vão tirar foto sua não né? Vai assustar todo mundo. ” Esse diálogo ficou na minha cabeça, a ponto de eu implorar para que meus pais pagassem uma cirurgia plástica no meu nariz, fiz a rinoplastia em 2010, já quase no final do Ensino Médio. Depois

disso o bullying cessou e terminei o ano com tranquilidade e menos brincadeiras sem graça dos colegas.

## **Vida pessoal**

Como relatei logo no início, meus pais sempre fizeram de tudo para me dar o melhor, tive uma vida confortável. Tenho mais 2 irmãos, Erick de 21 anos e o caçula Paulo de 9 anos. Tudo vinha bem, entrei na UnB em 2011 no curso de química até que um dia minha mãe sentiu algumas dores no ombro e foi ao médico, com os exames descobrimos um condrossarcoma que em outras palavras significava câncer ósseo. Passamos por isso juntas, minha mãe é e sempre foi minha melhor amiga, ela sempre sabia de tudo da minha vida e eu sempre pude contar com ela, nós enfrentamos isso juntas, em todas as consultas eu estava, todas os exames e no dia da cirurgia. Foi tudo um sucesso e graças a Deus só ficou uma pequena sequela na locomoção do braço esquerdo o que ocasionou a sua aposentaria. No mais, ela continua sendo meu porto seguro e eu o dela, com a fim do casamento as coisas se intensificaram ainda mais pois somos só eu, ela e meus irmãos e eu faço tudo por eles.

Na vida amorosa namoro a 3 anos e moramos juntos a 1 ano. Nossa história é engraçada, estudamos juntos na sétima série e nos reencontramos nas redes sociais e começamos a seguir um ao outro, ele perdeu uma aposta com os amigos e a “prenda” era falar com alguma menina do facebook que ele nunca tinha conversado e adivinha quem foi a escolhida? EU! E foi assim que tudo começou.

## **Vida profissional**

Quanto ao mercado de trabalho, minha primeira fonte de renda foi quando ingressei no PET-Química que é o programa de educação tutorial onde recebia uma bolsa de R\$ 400,00 onde fiquei por 3 anos, até pedir a mudança de curso para a Pedagogia. Em 2017 consegui meu primeiro emprego de carteira assinada como vendedora, sempre tive facilidade no relacionamento com clientes e não demorou para me destacar na empresa, mas em 2019 o curso começou a exigir muito tempo com os estágios e tive que pedir demissão para dar conta da carga horária dos projetos da UnB.

Meu pai sempre dizia que queria que eu fosse estudante profissional e que eu não precisava trabalhar, mas ter nosso dinheiro é diferente, a gente não dá satisfação do que vai fazer e precisava dessa independência. Ir para o mercado de trabalho me fez crescer como pessoa pois foi onde aprendi a trabalhar em grupo e minha relação interpessoal melhorou.

## **Formação acadêmica**

Sempre quis ser várias coisas quando criança, teve uma época que andava muito de avião e achava chique ser uma aeromoça, comecei a usar coque e tudo mais. Aí depois veio a época em que coloquei aparelho nos dentes e só falava em ser dentista, fui crescendo e a escolha da profissão foi ficando cada vez mais perto. No dia do vestibular eu me inscrevi para Química, pois tinha uma nota de corte mais baixa e não tinha ideia do que eu queria fazer para o resto da minha vida.

Quando iniciei os estudos na Universidade, no segundo semestre já sabia que não queria Química, mas o que eu queria então? Não fazia ideia, então minha mãe me aconselhou a seguir no curso até que eu soubesse. Foi quando começou a parte do currículo voltada para a licenciatura e me apaixonei pelas matérias da educação. Eu na verdade ignorei todos os sinais de que a docência estava no meu sangue e só agora pude ver.

O tema da minha monografia foi “O teatro infantil na Revista O Tico-Tico”. A temática surgiu em um encontro com a minha orientadora, quando buscávamos um objeto de estudo e, no nosso grupo de pesquisa, uma das alunas estava fazendo uma investigação da representação da criança no frontispício da revista O Tico-Tico, onde nas capas e títulos as crianças eram vistas como pequenas. E dentro da revista havia uma demanda teatral, por isso levantamos a hipótese que impulsionou esse trabalho: como a criança comparece nas peças teatrais propostas pela revista?

## INTRODUÇÃO

Estudando sobre as formas de expressão da criança, é plausível apontar que o teatro aparece como uma das linguagens possíveis, tendo a seu favor a ludicidade, a expressão corporal e a socialização. Neste trabalho, o foco é a revista *O Tico-Tico*, lançada pelo jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva, em 1905, e que circulou na cidade do Rio de Janeiro até 1962, que, entre seus feitos apresenta o teatro ao público infantil da época.

A revista *O Tico-Tico* se apresentava como um periódico voltado para as crianças, mas uma rápida visualização do conteúdo permite questionar o que os editores consideram como criança, pois muito do que está posto dentro da revista se volta para adolescentes. Apesar disso, sua importância e influência são inegáveis, posto que foi a primeira revista voltada ao público infanto-juvenil no Brasil e que, em seu auge, chegou a vender 100 mil exemplares por semana. Seu legado é tão memorável que, em 2005, a Biblioteca Nacional realizou uma grande exposição para comemorar o centenário de seu lançamento (ACERVO, s/d).

Voltando para a efetivação do teatro dentro das instituições educativas, percebemos que este comparece como uma prática que veio evoluindo ao longo do tempo. No livro de Reverbel (1997), “Um caminho do teatro na escola”, que expõe a expressão teatral como ferramenta pedagógica e cultural, é feita uma revisão histórica do teatro, bem como de sua trajetória ao longo dos anos, o que permite visualizar melhor sua evolução ao longo de diferentes sociedades e como seu objetivo se altera nesse trajeto. Para os romanos, por exemplo, o teatro tinha uma intenção educacional e focada em lições morais, mas, apesar do caráter moralizante, teatro e escola eram separados. Já na Renascença, quando o teatro na escola começou a florescer, os membros das academias de artes tornaram-se professores e levaram essa forma de expressão para as instituições educativas. (REVERBEL, 1997).

A partir do século XVI, diversos filósofos (como Montaigne, Locke, Rousseau, Montessori) destacaram o ensino das artes na escola em seus estudos e, assim, o teatro foi abrindo caminho na educação das crianças, incluindo também ações posteriores no Brasil. Montaigne (2002) afirma: “o teatro por sua vez, assim como os jogos, é apontado como fonte de ensino e diversão à medida que são definidos

como: “[...] espetáculos: uma forma de desviar de ações piores e ocultas”. (MONTAIGNE, 2002, p.265).

Se no início da primeira metade do século XIX já se tem um movimento na Europa e Estados Unidos de olhar para a educação da criança pequena de forma diferenciada, como os kindergartens de Froebel<sup>1</sup>, a circulação de sujeitos e ideias<sup>2</sup>, por diferentes suportes, faz com que no Brasil, sujeitos diversos – família, médicos, professores, presidentes de províncias, inspetores, intelectuais, etc. – também se atentem para aqueles que vivem o tempo da infância (KUHLMANN JR, 1998; ANJOS, 2015; BARBOSA, 2016). Dessa forma, em 1875 tem-se a inauguração do primeiro Jardim de Infância no Brasil, fundado pelo médico Menezes Vieira, aos moldes da pedagogia froebeliana (BASTOS, 2011). Na relação com o teatro, a leitura de jornais e revistas do Oitocentos permite identificar direcionamentos de peças para o público infantil. Inclusive, um grande destaque é feito ao Palácio da Criança, na Exposição Universal de Paris, de 1889, no jornal Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, dizendo:

No interior do Palácio há um bonito teatro, com todos os acessórios precisos às mais brilhantes representações de Guignol e outras. Durante o dia há os espetáculos mais variados: pantomimas, prosilidigitação, quadros vivos, concertos vocais e instrumentos com os costumes nacionais dos artistas, etc. (EXPOSIÇÃO, 1889, p.01).

Havia o entendimento de que era importante não somente um Palácio para Crianças, em uma Exposição Universal que funcionava como uma vitrine para o mundo<sup>3</sup>, mas que nele fossem considerados objetos – a fachada era de bonecos grandes de madeira e “brinquedos de todas as épocas”, dentro havia exposição de

<sup>1</sup> Ver Chamon, 2016.

<sup>2</sup> Aqui, concordando com a síntese dada por Carla Chamon (2008, p.31): “se reporta ao entendimento da história cultural segundo a qual a travessia espacial e temporal de saberes e práticas não pode ser pensada com base em conceitos como importação, influência ou cópia. Esses conceitos pressupõe um lugar de origem, ponto de partida único e inequívoco de uma produção que é imitada ou copiada em outros lugares, separando de maneira mecânica os termos dessa operação: lugares e sujeitos produtores e lugares e sujeitos receptores, sendo a relação entre eles de dominação e de subordinação, o que, por vezes, não deixa de ocorrer, mas impede de vê-los num movimento de interação e de troca. A noção de circulação (seja ela referente a sujeitos, ideias, experiências ou mercadorias), por seu turno, pretende abolir essa descontinuidade histórica e geográfica e essa relação passiva, ao colocar ênfase na interação dos termos de produção/apropriação e na relação contínua, contígua e criativa que eles estabelecem entre si, sem apresentá-los de maneira estanque e como pares opostos. Trata-se, aqui, de interdependência entre as culturas, o que não significa negar as desigualdades e os desequilíbrios nessas relações”.

<sup>3</sup> Ver Pesavento, 1997.

materiais e mobília para a instrução primária e secundária – e uma ação: um teatro infantil.

Figura 1 - O Palácio das Crianças na Exposição de Paris, 1889



Fonte: Exposição, 1889, p.01

O Brasil participou da Exposição Universal de Paris, que durou de seis de maio até trinta e um de outubro de 1889, tendo exposto em um grande pavilhão (BARBUY, 1996). Mas, mesmo para aqueles brasileiros que não puderam estar presentes nos pavilhões dos países e no do Brasil – a maioria – poderiam ter notícias pelos jornais, como esta aqui apresentada. E nela estava também uma concepção de educação voltada para a criança pequena: “é que também hoje as crianças já não são tratadas, como outrora, com rigor, mas com afeto, como se trata a planta tenra de que se esperam os frutos para o futuro” (EXPOSIÇÃO, 1889, p.01). É interessante lembrar que crianças vistas como plantas, cuidadas pelas jardineiras, era a base da filosofia do kindergarten de Froebel. E, para além dessa analogia, é possível ver a preocupação com o que essa criança será no futuro. Integrado a este pensamento, vemos a prática do teatro, como algo específico também do universo infantil.

E assim adentramos o Novecentos com a criança e sua educação ganhando, cada vez mais, notoriedade. O método educativo se volta à criação de um cidadão polido, doutrinado e, acima de tudo, que exaltasse sua pátria. Não por acaso, surge nessa mesma época a revista *O Tico-Tico*, bem quando a escolarização da



educação infantil brasileira começa a se consolidar, como uma das ferramentas para moldar a criança no adulto de atributos desejáveis, como defende Silva (2017):

Tomando como referência a abrangência das representações sociais sobre as múltiplas infâncias, produzidas com base nas transformações sociais, econômicas, culturais e históricas, é possível compreender os interesses pela infância disseminados na modernidade. Assim sendo, com o advento da sociedade moderna, as discussões sobre a infância giram em torno da formação que seria ofertada às crianças com vista no adulto que ela viria a ser no futuro. (SILVA, 2017, p.05).

Essa ideia de educação da infância de forma a preservar o futuro da nação pode ser identificada no acompanhamento dos jornais do período. Nesse sentido, a imprensa tem sido uma fonte de estudo muito valorizada, uma vez que “é testemunha plural da complexa realidade na qual está imersa” (ANJOS, 2015). A imprensa é um lugar privilegiado para acompanhar as coisas do cotidiano, das mais básicas às mais profundas, uma delas a educação dos filhos pela família. Segundo Anjos (2015), a imprensa é entendida como:

[...] a transmissão de hábitos, comportamentos e condutas à criança, visando o lento aprendizado de valores, tanto de ordem moral – respeitantes ao agir, guiado por ideias e ideias religiosos – como de ordem “pragmática”, voltados a organização da vida da criança na família e na sociedade. (ANJOS, 2015, p.119).

Assim, através da revista *O Tico-Tico*, podemos analisar as questões educacionais em diferentes momentos históricos durante o seu período de circulação (1905-1962), uma vez que este é suficientemente longo para que as conclusões sejam significativas:

Ainda um procedimento que não pode ser negligenciado pelo pesquisador é o de constituir uma série longa para análise. Ao selecionar um periódico para estudo, é importante que se tome um período suficientemente longo de publicação a ponto de garantir interpretações que não sejam apenas pontuais. (TOLEDO; SKALINSKI, 2012, p.263).

Nesse sentido, ainda que não se tome todas as publicações de *O Tico-Tico*, é interessante acompanhar as ocorrências, ao longo dessas, em que as notícias tratam do teatro na relação com a criança e o jovem leitor da revista. E foi com este pensamento que foi formulada a questão que impulsiona este trabalho: como a criança comparece nas peças teatrais propostas na revista *O Tico-Tico*? É

pertinente aqui ressaltar que a escolha por tal revista se deu pela busca de um periódico que tivesse a orientação clara de destinação ao público infantil e, conforme descrito no site da Biblioteca Nacional, “foi a primeira e mais importante revista” para tal público (ACERVO, s/d).

Indicada a problematização, este estudo tem o objetivo de compreender como se dava a representação do teatro para as crianças na revista *O Tico-Tico*. Diante disso, os objetivos específicos compreendem: 1) mapear estudos científicos que tenham se voltado para a revista *O Tico-Tico*, bem como trabalhos que apresentam uma discussão sobre representação de criança e de infância; 2) identificar como a criança e o teatro são apresentados à sociedade brasileira no período de circulação da revista; 3) analisar como a criança e o teatro comparecem na revista *O Tico-Tico*.

O recorte temporal aqui abarca os anos de circulação da revista *O Tico-Tico*, compreendendo de 1905, quando sai a primeira edição (cujo título já apresenta a indicação de ser um “periódico voltado para as crianças”), até 1962, último ano de sua publicação, seguindo a disponibilização de suas edições na Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional (HDBN). Por ser uma revista diversificada, contendo muitos textos em quadrinhos, o teatro não é o foco da *O Tico-Tico*, mas comparece em alguns momentos e edições especiais. O trabalho se volta para a análise de dois exemplares exclusivos às peças teatrais, são eles: *Teatrinho na escola*, edição 2.082 de 1959, e *Declamação na escola* edição 2.095 de 1961.

A metodologia utilizada é de caráter documental associada a pesquisa bibliográfica, na qual as discussões serão tecidas a partir da revista *O Tico-Tico* e artigos pertinentes à produção da historiografia. O caminho aqui percorrido envolveu dois grandes movimentos: o mapeamento da literatura e a leitura da revista. Para o primeiro, utilizou-se as seguintes bases de estudos científicos: A Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília (BDM), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Biblioteca Eletrônica Científica Online (SCIELO) e Associação Nacional de Pós-graduação e pesquisa em Educação (ANPED), com essas palavras-chaves: *O Tico-Tico*; revista *O Tico-Tico*; representação de criança; teatro na escola; história da educação infantil e história da infância. O quadro a seguir mostra a quantidade de trabalhos filtrados nesse primeiro momento.

<b>PALAVRAS-CHAVE</b>	<b>CAPES</b>	<b>BDM</b>	<b>SCIELO</b>	<b>ANPED</b>
O tico-tico	15	4	1	-
Revista o tico-tico	5	1		-
Representação da criança	30	1	5	-
Teatro na escola	80	29	3	-
História da educação infantil	-	3	-	1
História da infância	121	4	20	3

Fonte: CAPES, BDM, SCIELO, ANPed – organizado pela autora.

A rápida visualização do quadro permite indicar que, feita as buscas com palavras/expressões isoladamente, há bastantes ocorrências. Todavia, quando o segundo movimento foi a leitura e separação daqueles estudos que possuíam relação direta com o objetivo central deste trabalho, verificamos que alguns se distanciam. Por exemplo, quando lançamos “o tico-tico”, muitos são os estudos que se voltam para a ave (*Zonotrichia capensis*) que tem popularmente esse nome. Ao contrário desses, os que tratam da representação de criança, teatro – ainda que na relação escolar – e história da infância e da educação da criança, nos permite compreender como que foi sendo configurado, durante o período aqui investigado, um pensamento em torno do teatro e sua relação com a educação e a criança ou o jovem. Nesse ponto, o quadro a seguir apresenta os estudos que maiores relações tiveram com os objetivos aqui investigados e que puderam contribuir para a constituição deste.

Quadro 2 - O levantamento nas bases de trabalhos científicos

<b>AUTOR</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>ANO</b>	<b>PLATAFORMA</b>
Luciana Borges Patroclo	As mães das famílias futuras: a revista O Tico-Tico na formação das meninas brasileiras (1905-1921).	2015	CAPES
Patrícia Maria Garcia	A revista “O Tico-Tico” e a escrita infantil em circulação no encarte “Meu Jornal”: seus autores e leitores (1935-1940)’	2015	CAPES
Maria Cristina Merlo	O Tico-Tico um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil (1905-1962)	2015	CAPES
Letícia Fernandes de Britto Costa	A construção da identidade em periódicos infantis no Brasil de Vargas e na Alemanha nazista	2016	CAPES

Andréa Borges Leão	Brasil em imaginação: livros, impressos e leituras infantis (1890-1945)	2002	CAPES
Ingrid Dittrich Wiggers	Corpos desenhados: olhares de crianças de Brasília através da escola e da mídia.	2003	CAPES
Márcia Cristina Cebulski	Um diálogo entre Vygotsky e o sistema teórico da afetividade ampliada: o teatro na educação básica e o desenvolvimento socioemocional humano	2014	CAPES
Thiago de Castro Leite	Teatro como experiência formativa: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt	2016	CAPES
Christiane Guimarães de Araújo	Um contexto inovador: a arte como base para o processo ensino aprendizagem na educação básica.	2018	CAPES
Wellington da Costa Pinheiro	A infância nas Páginas de jornal: discursos (re)produzidos pela imprensa paraense na primeira década do século XX.	2013	CAPES
Michele Juliana de Carli Anselmo da Silva	A revista brasileira de educação: apropriações do discurso acerca dos temas da infância e da história da infância. (1995-2010)	2012	CAPES
Ana Soares Jorge	Percursos e transformações da infância e do brincar: Uma incursão pelo século XX.	2002	CAPES
Zínia Fraga Intra	A constituição do eu entre crianças na educação infantil: diferentes modos de ser menina e de ser menino	2007	CAPES
Lucas Portilho Nicoletti	Infância, escola e educação das crianças no pensamento de Paulo Freire: fundamentos teórico-práticos de uma pedagogia humanizadora.	2017	CAPES
Thiago Bruno dos Santos	Dupla identidade: a cultura nacional nos quadrinhos de super-heróis brasileiros	2011	BDM
Hermenegilda da Graça Pimenta Costa	A importância do teatro na escola e na formação do aluno.	2012	BDM

Renato Miguel	Teatro na escola: alguns de seus possíveis desdobramentos.	2017	BDM
Camila Façanha Klein	A história, a infância e o brincar de crianças pequenas.	2017	BDM
Maria Eunice de Oliveira e Tania Stoltz	Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky	2010	SCIELO
Moysés Kuhlmann Jr.	Uma história da infância: da idade média à época contemporânea no ocidente	2005	SCIELO
Gizele de Souza	História da educação infantil no Paraná: os jardins-de-infância públicos em cena no limiar das primeiras décadas do século XX.	2009	ANPED

Fonte: CAPES, BDM, SCIELO, ANPed – organizado pela autora

A característica mais interessante da relação de artigos selecionados é que uma parte significativa deles ou falam de teatro ou falam de infância, não trazendo os dois termos juntos. E os três textos que trazem a análise da revista *O Tico-Tico* fazem referência a escrita infantil, história em quadrinhos e influência na formação das meninas, temas que nada se assemelham com a presente proposta. Como é possível vislumbrar, apesar da revista *O Tico-Tico* comparecer em alguns estudos, assim como o teatro e a questão da educação da criança no século XX, nenhum se ateve para a forma como o teatro aparece relacionado com a infância no referido periódico.

Já no segundo movimento de pesquisa, o foco foi a revista *O Tico-Tico*, disposta na Hemeroteca Digital (HDBN), utilizando como palavras de busca: teatrinho (18 ocorrências), teatrinho escolar (6 ocorrências), teatro (899 ocorrências), peça teatral (7 ocorrências). Com a Hemeroteca, o movimento foi encontrar as ocorrências, verificar a pertinência, salvá-las e realizar a leitura e análise.

Feita essa primeira apresentação do trabalho, ressalta-se que ele se divide em dois capítulos. O primeiro, “A criança e o teatro: uma relação vista no Novecentos”, tem como objetivo identificar como a criança aparece representada na sociedade brasileira na primeira metade do século XX e como o teatro comparece na relação com a infância e a criança. Enquanto no segundo capítulo, “A criança nas

peças teatrais da revista *O Tico-Tico*”, o foco se volta para a análise de como a relação entre a criança e o teatro se dá na referida revista.

## **1. A CRIANÇA E O TEATRO: UMA RELAÇÃO VISTA NOS NOVECENTOS**

Neste capítulo o foco se volta para a identificação e compreensão da relação entre o teatro e infância na primeira metade do século XX, por intermédio da análise de estudos científicos e representações de infância e teatro na sociedade brasileira, colhidas por meio de periódicos que circulavam no período. Sobre o conceito de representação, Salomon e Campos (2016) explicam que existe a crítica de que o mesmo nos afasta da realidade social e da verdade histórica, todavia “podem existir usos do conceito de representação passíveis efetivamente de crítica, mas se se pensa na origem do conceito, em sua trajetória, se vê que não somente ele não nos afasta da realidade social, porque ele a constrói [...]” (SALOMON, CAMPOS, 2016, p.303). Na trajetória do conceito de representação os autores citam Bordieu, Durkheim, Mauss, Marin, Pascal e Kantorowicz, demonstrando que a noção de representação seria aquilo que determinado grupo social, indivíduo, poder “dar a ver de si mesmo” e que “era um elemento essencial para compreender como se formavam identidades e, inclusive, classes sociais” (SALOMON, CAMPOS, 2016, p.303). Nesse sentido, o intuito neste capítulo é identificar as representações de criança e infância presentes na relação – ou falta dela – com o teatro no Brasil, seja no campo educacional ou no social. Como pondera Leyva (2014):

Um dos grandes desafios atuais dos estudos sobre as relações entre o teatro e a infância reside na necessidade de alcançar, à luz das complexidades da cena contemporânea, demarcações teóricas que se aproximem cada vez mais à heterogeneidade das práticas teatrais e às diversas infâncias de nossos contextos. (LEYVA, 2014, p.28).

Por sua vez, Gomes e Aquino (2019, p.28), enfatizam a necessidade de estudos históricos que tomem “as práticas teatrais devotadas às crianças” e “sua associação ao campo educacional”, considerando o que chamam de “advento do teatro infantil” e sua relação com as políticas governamentais. É para as relações e representações que nos voltaremos a partir de agora.

### **1.1. A educação da infância no século XX no Brasil**

O século XX é marcado por mudanças na visão que a sociedade tinha de infância. Se retornássemos ao já percorrido pela história da infância e da educação

da criança, poderíamos apontar a saída da Idade Média, na qual não havia diferenciação entre adultos e crianças, no sentido de diferenciação de um sentimento de infância e de criança como sujeito distinto. A obra produzida por Ariès (1978), *História Social da Criança e da Família*, faz uma análise dessa visão de infância da antiga sociedade tradicional, onde as crianças rapidamente se misturavam com os adultos e compartilhavam seu trabalho e, “de criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude [...]” (ARIÈS, 1978, p.10). O historiador demonstra que os sentimentos em torno da criança e do tempo de vida dela se alteraram no decorrer dos séculos. É claro que, conforme outros historiadores demonstram, como Anjos (2015), apesar de estudo precursor, posteriormente a Ariès outros pesquisadores como Heywood, DeMause, etc., construíram análises históricas sobre a infância e a educação da criança que apontam para um entendimento de menos ruptura entre situações de sentimento para com a infância, no mesmo período, por utilizarem de fontes diferentes das de Ariès (ANJOS, 2015). É importante acompanhar tais estudos para compreender que não existe apenas um tipo de infância, já que esse conceito percorre fatores sociais e econômicos nos quais a família, a sociedade e o ambiente influenciam diretamente nessa definição.

Fazendo um resgate histórico nas primeiras décadas dos Novecentos, a industrialização avança, o Brasil vive um cenário em que as mães precisavam trabalhar e não tinham onde deixar seus filhos. Confrontando com o estudo de Ariès (1978) houve mudanças no papel desempenhado pelas crianças e famílias na sociedade industrial, nesse período a escola assume a aprendizagem que até então era controlada pela família, “isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles.” (Ariès, 1978, p.11). O estado então se vê pressionado a oferecer uma maior assistência à infância, nesse sentido as instituições educativas surgem com um foco assistencialista. O pensamento de Souza (2007) vai ao encontro dessa visão de que o Estado chamou a responsabilidade da educação para si, tornando-a política e doutrinadora:

As propostas político-pedagógicas [...], cunhadas nos modelos assistencialista e de educação compensatória, influenciaram sobremaneira os educadores, forjando uma educação baseada nos cuidados físicos e atividades ‘educativas’ de caráter moralista e escolarizador. (SOUZA, 2007, p.10).



Outra razão para o envolvimento do poder público na proteção da infância foi a própria Revolução Industrial, cuja segunda fase, iniciada no século XIX, perdurou até meados de 1950. A mão-de-obra infantil, tida como lucrativa, foi altamente explorada devido à falta de regulação e controle por autoridades competentes, sendo os alvos sempre crianças pobres e vulneráveis. Isso trouxe a necessidade de uma legislação, bem como outros mecanismos, para proteger a infância, como citam Barbosa e Magalhães (2008):

Este fato [a exploração de mão-de-obra infantil] deu ênfase à discussão e à formulação de leis, entre outros recursos, para inibir a exploração da mão-de-obra infantil e consequentemente criar mecanismos para proteção da infância pobre e desvalida com a criação das políticas sociais. O que era tido como responsabilidade de entidades privadas, com moldes assistencialistas e filantrópicos, passa a ser responsabilidade do poder público. (BARBOSA; MAGALHÃES, 2008, p.4).

Nesse cenário de abandono à infância crescem as ações de caridade que visavam dar maior assistência as crianças, obras essas que, segundo Golinelli (2017), eram majoritariamente realizadas pelas instituições religiosas e tais ações constituíram uma nova ação de filantropia. Mas, como aponta Rizzini (2011), o modelo de assistência aos pobres que era liderado pela Igreja Católica estava desgastado e falido.

A gradual mudança de enfoque da religiosidade para a esfera da racionalidade nos discursos sobre a assistência dirigida ao pobre nos anos que seguiram a proclamação da República, como parte de uma tendência já claramente identificada no mundo europeu no século XVIII. Reflete também uma mudança de percepção do próprio alvo da assistência, ou seja, o pobre, em geral, e a criança pobre, em particular [...]. Ao longo dos séculos XVIII e XIX [...] observa-se o deslocamento do domínio da Igreja, associada aos setores públicos e privados, para o domínio do Estado, que passa a estabelecer múltiplas alianças com instituições particulares. Entram em conflito os valores enfraquecidos da caridade e os novos ideais da filantropia. (RIZINNI, 2011, p.91).

Com o fracasso das instituições religiosas, o campo privado ganha forças em suas ações assistencialistas, como foi o caso do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro (IPAI). O Instituto ficava sob os cuidados de Moncorvo Filho que era um médico higienista que empreendeu um trabalho voltado para o atendimento da infância brasileira, até então tida como desvalida. (GOLINELLI, 2017).

O Instituto de Proteção e Assistência à Infância, sob os cuidados iniciais de Moncorvo Filho, empreendeu um trabalho muito amplo de alcance nacional e sem dúvida foi um ponto de partida em prol da assistência à infância brasileira. Ao colocar a criança como centro das preocupações sociais da época, Moncorvo Filho e seus sucessores mobilizaram o atendimento a estes sujeitos, até então desassistidos socialmente, tanto no âmbito privado, em relação aos cuidados familiares, quanto no âmbito público, em relação às leis e políticas públicas. (GOLINELLI, 2017, p. 16737).

Foi nesse contexto que começaram a surgir as primeiras creches no Brasil. No entanto, a omissão do Estado em assumir a responsabilidade pelo estabelecimento e manutenção das creches levou à discriminação contra essas instituições, que foram envoltas em um conceito vago de assistência por muitos anos. Conforme Merisse (1997):

Encravada entre a família e a escola, a creche oscila entre as funções e significados dessas duas outras instituições tão bem demarcadas no interior da sociedade. Na verdade, é com a família que a creche mais tem disputado e buscado conquistar espaço, na medida em que essa é a instituição tradicionalmente encarregada de cuidar e de educar a criança pequena. Por isso mesmo a creche tem geralmente sido identificada como uma instância destinada a suprir a lacuna que resulta da incapacidade da família em cumprir sua função. Ressalta-se, assim, na história dessa entidade uma forte conotação assistencialista que insiste em manter-se presente até os dias de hoje. (MERISSE, 1997, p. 25).

Essa educação assistencial segundo Kuhlmann Jr (2000) promove uma *pedagogia da submissão* a qual visa preparar os pobres para a exploração social e que a incorporação das creches aos sistemas educacionais não tem proporcionado a superação dessa concepção educacional assistencialista.

## 1.2 O teatro como um referencial

Para entender a trajetória do teatro é interessante buscar suas origens, que segundo Cebulski (2013):

[...] nos leva ao Mar Mediterrâneo, em cujas margens, na Antiguidade, desenvolveram-se diversas civilizações às quais podemos relacionar a existência de representações teatrais, primordialmente aquelas ligadas às cerimônias religiosas. (CEBULSKI, 2013, p.11).

Ainda seguindo essa linha de pensamento da religiosidade, o drama grego advém dos cultos sagrados e também sofreu grande influência de suas tradições divinas. Mais tarde, essa dramaticidade é aliada às características políticas e culturais, dando origem ao teatro grego, considerado o berço do drama ocidental (CEBULSKI, 2013). O teatro vai então ganhando um novo olhar. Essa nova apreciação teve influência de movimentos que aconteciam dentro e fora do país, como o teatro de sombras, que segundo algumas enciclopédias teve origem na China (Figura 2) e que Dominique Séraphin reproduz as peças chinesas na França no século XVIII. Mas, segundo Fávero (2010), tal prática existe desde os primórdios:

Existe a tese de que a primeira manifestação teatral da humanidade foi por meio das sombras. Elas teriam sido projetadas pelo movimento corporal dos homens das cavernas, iluminados pela luz do fogo, ampliadas nas paredes, enquanto comiam e contavam as histórias de suas façanhas ao redor da fogueira. (FÁVERO, 2010, p.8).

Não há relatos que esse tipo de teatro tenha um público específico, mas segundo Larcher (2016) o primeiro espetáculo teatral de Dominique Séraphin foi dirigido a crianças e jovens, com apresentação no *Palais Royal* em Versalhes, na França, o *Spectacle des Enfants*.

Figura 2 - Teatro de sombras antigo “Xu Ernan, o herdeiro do de Zhejiang Haining”, na China



Fonte: Cartilha Brasileira de Teatro de Sombras, 2010

No teatro de sombras há o predomínio de três modalidades nos processos criativos trazidos por Moretti (2012), são eles: a sombra de silhuetas recortadas em

diversos tipos de materiais (é o caso da figura 2); a sombra obtida com objetos tridimensionais; e as sombras corporais. Os fantoches são manobrados com varas, “o boneco deste teatro é selecionado cuidadosamente e animado conscientemente diante de um público” (AMARAL, 1993, p. 72). A luz e a sombra têm sua poesia. Eles oscilam revelando formas, movimentos e até sentimentos e por muito tempo esse tipo de contraste foi usado no teatro de sombras. Portanto, não é de se admirar que as crianças sejam atraídas por esse jogo de luzes e sombras.

### **1.3 O teatro no Brasil**

Naturalmente, a popularização do teatro voltado às crianças na década de 90 foi refletida nas escolas, uma vez que estas são reflexos da cultura do país. Além disso, como dito antes, a educação infantil era voltada agora à formação de um cidadão, e, nesse cenário, o teatro se mostrou um forte aliado, pois é uma ferramenta lúdica para a transmissão de preceitos sociais. Essa relação forte da escola como meio de difusão e adequação social é realçada por Miguel (2017): “A escola faz parte da cultura que existe na sociedade, e também uma difusora cultural, e para vivermos e participarmos e nos adequarmos em uma sociedade, precisamos de certos conhecimentos e noções desta sociedade.” (MIGUEL, 2017, p.12).

Os textos do teatro infantil eram adaptações das obras moralistas europeias que prevaleciam na época, ou seja, o drama infantil originou-se da moralidade cristã e seu dogmatismo. Assim, o contato das crianças com o teatro é basicamente por meio da escola ou da Igreja e, durante muito tempo, esse cenário permaneceu praticamente estático. Os eventos voltados para a área das artes, especificamente o teatro, só surgem a partir da década de 50, quando temos o Primeiro Congresso Brasileiro de Teatro, em julho de 1951, no Rio de Janeiro (Figura 3), e o Primeiro Congresso Internacional de Teatro Infantil, realizado em 1952, em Paris.

Figura 3 - Selo comemorativo do 1º Congresso Brasileiro de Teatro, circulado em 1951



Fonte: Leiloeiro, 2015

Apesar da intensificação de congressos e seminários acerca da arte dramática, o teatro infantil e a infância em si ainda eram deixados de lado. O quadro a seguir demonstra bem esse momento de ausência da criança nos debates, pois, dos dez temas abordados, nenhum cita os pequenos. Ademais, o único tema que relaciona o teatro aos infantes trata de seu uso como instrumento doutrinador, não de seu efeito nas crianças como indivíduos.

Quadro 3 - Temas e número de teses do 1º Congresso Brasileiro de Teatro

TEMAS	NÚMERO DE TESES
Teatro como instrumento pedagógico	10
Questões profissionais	9
Criação de órgãos governamentais	5
Estímulo à dramaturgia/autor nacional	5
Conservação/construção de teatros	4
Direitos autorais	4
Teatro amador	3
Outros	3
Criação de companhia oficial	2
Propostas gerais para o teatro brasileiro	2

Fonte: Camargo, 2012.

Assim, os Novecentos foram um período de mudanças acentuadas tanto às crianças, que passaram a ser vistas como instrumentos a ser moldados, quanto ao teatro, impulsionado e popularizado por movimentos nacionais e internacionais.

Entretanto, a infância ainda não era tida como um período orgânico vital à formação de um indivíduo, mas como um meio para um fim: a criação de um cidadão cívico e conformado ao *status quo* vigente. Mesmo o teatro, em seu posto de arte, era visto mais como instrumento que como forma de expressão, especialmente no que tange o teatro infantil.

Nesse contexto, surge uma revista que clama ser voltada ao público infantil: O *Tico-Tico* (circulado entre 1905 e 1962). Apesar de, nos dias de hoje, a própria definição do que a revista considerava uma criança ser questionável, seu efeito em seu próprio tempo é inegável, pois foi o primeiro periódico brasileiro voltado às crianças em si, reconhecendo sua existência e se preocupando em criar conteúdo atrativo a elas. Foi por meio dessa revista que o teatro infantil, ainda em consolidação, foi apresentado a muitas crianças que não teriam tal contato de outra forma, atuando como uma ponte entre a criança e o teatro.

#### **1.4 Peças escolares: o teatro adentra a educação formal**

Com todo o crescimento na área da educação, uma das novidades é o teatro posto como um objeto pedagógico, capaz de contextualizar conflitos sociais e ser ferramenta importante na construção de uma criança política. A inclusão das artes nas escolas pôde então ajudar a moldar essa infância de acordo com os pensamentos da época, que associada com a imprensa leva isso a uma circulação mais rápida e eficiente. Segundo Cebulski (2013, p. 62):

Tendo o lúdico sua presença garantida na Arte e a mesma estar presente na escola, é importante frisar que isto não significa que a sua atuação seja plena e eficaz, dado o viés racionalista impregnado no pensamento e ações educativas. (CEBULSKI, 2013, p. 62).

Segundo Neves (2006), o Teatro-Educação começa a existir no Brasil a partir do século XIX e o processo de escolarização em massa intensificou a presença do Teatro (das artes) nas escolas. Em 1934 a constituição em seu capítulo II faz referência às artes na educação:

Cabe à União, aos Estados e aos Municípios favorecer e animar o desenvolvimento das sciencias, das artes, das letras e da cultura em geral, proteger os objectos de interesse histórico e o patrimônio artístico do paiz,

bem como prestar assistência ao trabalhador intelectual. (BRASIL, 1934, art.148).

Mas o ensino das artes só é introduzido legalmente no Brasil, como não obrigatório, em 1961, com a 1ª Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei n. 4.024/61) (BRASIL, MEC, 2000). A revista *O Tico-Tico*, quando traz as edições teatrais destinadas às crianças, também indica seu uso para professores. Na edição “Teatrinho na Escola”, em 1959, além do nome que já sinaliza para a tratativa escolar, a instrução é clara quanto a função do periódico: Comédias, diálogos, dramatizações, monólogos, recitativos escolares e próprios para festividades de caráter cívico, encerramento de aulas, dias comemorativos, etc. [...] (O TICO-TICO, 1959, ed. 2082, p.02).

É possível perceber um direcionamento para atividades diretamente ligadas à escola, como um indicativo de que não somente as crianças e os jovens leitores da revista poderiam se beneficiar de seu conteúdo como as professoras e professores poderiam seguir o que o periódico trazia e que se relacionava com a escola.

## 2. AS REPRESENTAÇÕES NAS PEÇAS TEATRAIS DA REVISTA O TICO-TICO

[...] o objeto fundamental de uma história ou de uma sociologia cultural, entendida como uma história da construção da significação, reside na tensão que articula as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades com as restrições, as normas, as convenções que limitam – mais ou menos fortemente, segundo sua posição nas relações de dominação – o que lhe é possível pensar, enunciar, fazer. (CHARTIER, 2003, p.166).

Atentar-se para a revista *O Tico-Tico*, um suporte letrado inscrita “no campo dos possíveis que [a torna compreensível]”<sup>4</sup>, é pensar na invenção e produção de sentidos e nas lutas de representação que possam a ela estar atrelada. Como pondera Borges (2006, p.66), nos vários campos existentes na sociedade, incluindo o intelectual – e por que não os impressos? – “Relações de forças e disputas manifestam-se no embate entre diferentes formas de ver o mundo e lidar com ele, entre as concepções, práticas, discursos e comportamentos díspares que se enfrentam”. O teatro e a forma como comparece na revista é entendido aqui como um tema disposto nesse produto cultural, portanto, “no campo da cultura, os produtores falam do lugar que ocupam nesse meio diversamente segmentado e hierarquizado, marcado pelos jogos de poder e vinculado ao campo político” (BORGES, 2006, p.66). E os produtores da revista não eram as crianças e jovens, embora eles fossem o público alvo.

Adultos produziam o material da revista *O Tico-Tico* e eram os adultos que forneciam o valor para a compra da mesma, para que ela pudesse ser manuseada e lida por crianças e jovens. Como um produto cultural, a revista compartilha na sua edição do contexto presenciado na sociedade no período de sua circulação. As peças teatrais, dispostas na revista, tinham sempre uma temática com preceitos e condutas sociais típicas de seu tempo e as imagens de crianças que eram usadas como personagens contribuem para uma aproximação com o público infantil. Segundo Elias (1997):

[...] a criança passou a ser encarada como um ser educável para o projeto civilizador burguês, o qual entendia que ‘a vida instintiva das crianças tem que ser rapidamente submetida ao controle rigoroso e modelagem específica que dão a nossa sociedade seu caráter [...]’ (1993 apud SCHMIDT 1997, p. 27-28)

---

<sup>4</sup> Chartier, 2003, p.166.

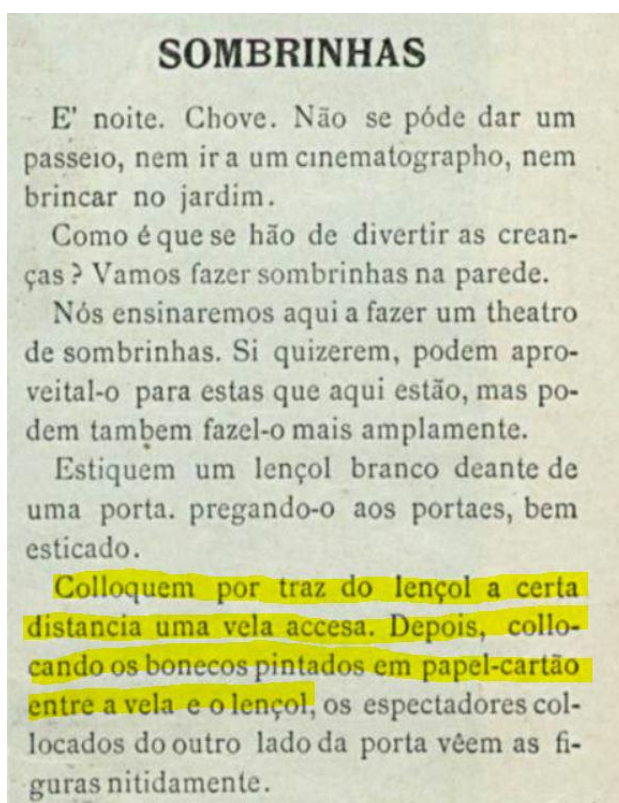


Em se tratando do teatro que é publicado na revista, é possível perceber um diálogo com elementos que constituiu as peças teatrais no Brasil, a exemplo do teatro de sombras, que Segundo Pereira (2018):

O teatro de sombras nada mais é que a manipulação desta dimensão imaterial. Nele, dominamo-la e tornamo-la íntima o suficiente para jogar com suas reações aos estímulos luminosos propostos. Nesta linguagem teatral transformamos as sombras ao nosso redor em poesia. (PEREIRA, 2018, p. 141)

Na revista, essa influência aparece como “o teatro de sombrinhas”, colocado no diminutivo talvez para uma infantilização do termo, como pode ser observado na seção “Brinquedos para os dias de chuva” (1909, edição 176), com uma proposta de se divertir em casa utilizando um lençol, vela e bonecos de papel cartão.

Figura 4 - Trecho da revista que mostra como se executa o teatro de sombrinhas



Fonte: Revista O Tico-Tico, 1909, ed. 176, p. 18.

Questionamentos sobre essa adequação do teatro das sombras para as crianças e orientação de sua produção podem ser feitos: será que uma atividade que envolve a chama de uma vela seria algo adequado para crianças? Para qual

faixa etária se dirigia? Estaria aí um indício de que havia uma percepção da capacidade das crianças na resolução de atividades sugeridas pela revista? Um elemento que aponta para a criança vista como um leitor capaz de compreender as orientações e de efetivá-las de acordo com o contexto de sua casa? E isso nos leva para a intenção deste capítulo, que é identificar e analisar como se dá a relação entre o texto sobre o teatro, publicado na revista *O Tico-Tico*, com o seu público alvo: o infantil. No cuidado necessário ao realizar esse esforço interpretativo, concorda-se com Carvalho (2008) quando ela pontua que:

Quase sempre, os objetos culturais, como os impressos, são objeto de interpretação. Em geral, a interpretação lê a linguagem deles como instrumento para representar conteúdos, ou, dizendo de outro modo, como eles mesmos não fossem artefatos produzidos por artifícios particulares em práticas simbólicas reais. Quase sempre, a interpretação ignora ou tende a ignorar o simbólico, elidindo a arbitrariedade das regras aplicadas à produção dos objetos, que são naturalizados como veículos neutros para os conteúdos interpretados. (CARVALHO, 2008, p.13).

A revista *O Tico-Tico* estava imersa na sociedade e era organizada e publicizada por sujeitos, editores, que eram partícipes na estrutura social do período, portanto, a revista aqui não é entendida como uma publicação que somente apresenta e representa determinados conteúdos, com ideias díspares das que circulavam no tempo de sua publicação. Como no trecho anterior, enxergar o impresso, neste caso, a revista *O Tico-Tico*, é percebê-la fora da imagem de neutralidade nos temas tratados, inclusive, o teatro. Nesse sentido, seguem-se as análises aqui dispostas em quatro momentos temáticos presentes na revista quando o assunto era o teatro e sua relação com o seu leitor.

## **2.1. A distinção entre classes: *O Tico-Tico* em cena**

Um tema recorrente na revista *O Tico-Tico* é a distinção entre classes sociais, o que vai ao encontro do que acontecia também no teatro para os adultos da época. Em 1921, em Campos, no Rio de Janeiro, o capitão Francisco de Paula Carneiro, que segundo Pimentel (2016, p.66) era “[...] rico fazendeiro e usineiro da região, era mais conhecido como Capitão Carneirinho”, custeou a construção de um teatro luxuoso de nome Trianon. Dias (2012, p.198) enfatiza que “a obra foi considerada arrojada e o Trianon na época foi considerado um dos grandes espaços culturais do Estado, pelo seu tamanho, arquitetura e decoração”. Para ter uma noção das

dimensões desse monumento, Dias (2012) o descreve: “o Teatro Trianon era formado de 156 frisas, 554 cadeiras na plateia, 290 balcões, 38 camarotes e 610 gerais para comportar 1.800 espectadores. A caixa tinha 25 camarins, sendo dois luxuosos, para os primeiros artistas” (DIAS, 2012, p.198). No dia de sua inauguração:

À frente do Trianon, na rua estreita, comprimia-se o povo para assistir à entrada, abrindo alas à chegada dos carros de luxo da época, como: Benzi, Overland, Hudson e também os modelos Ford, com as senhoras trajando soirée, calda arrastando, e os homens de casaca e smoking. (DIAS, 2012, p.200).

A descrição de como era a chegada dos expectadores, com seus carros e roupas diferenciadas, e de que “o povo” se aglomerava tentando ver esse desfile, demonstra não somente que todos não assistiam ao espetáculo porque não caberia no espaço físico do teatro, como também que esse não era acessível, o que fazia com que quisessem observar aqueles que podiam pagar para estar ali. As imagens a seguir permitem visualizar a fachada e o espaço suntuoso do teatro Trianon:

Figura 5 - Fachada e interior do teatro Trianon

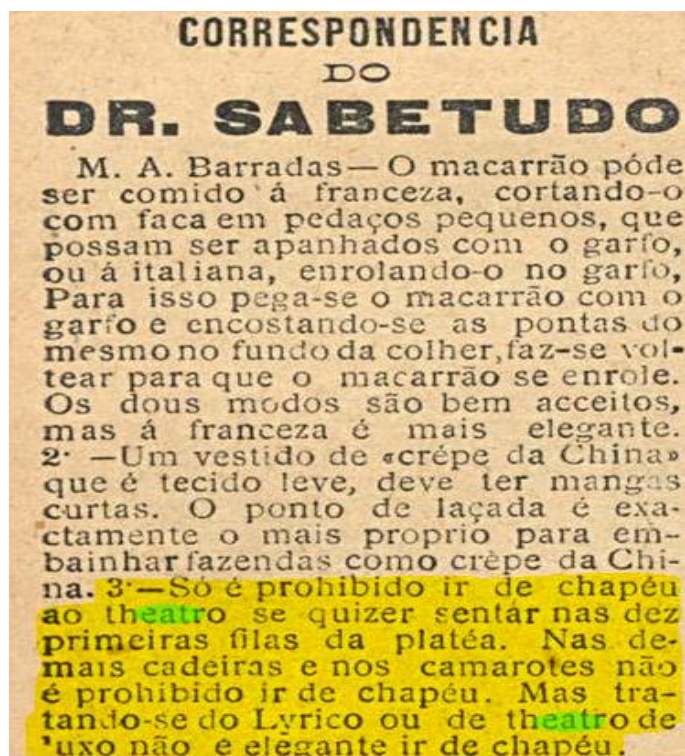


Fonte: Instituto Historiar, 2020

Na revista *O Tico-Tico* há diversos artigos que evidenciam os trajes certos para utilização no teatro, bem como as vestimentas que eram proibidas: “a *echarpe* ou mantilha é indispensável para ir ao theatro, porquanto, não sendo permitido o

chapéu para esses casos, esse é o único meio de não ir com a cabeça descoberta” (O Tico-Tico, 1915, 510. ed, p.17). No ano anterior à essa orientação, foi publicado na revista:

Figura 6 - Em destaque, trecho onde chapéus são proibidos no teatro



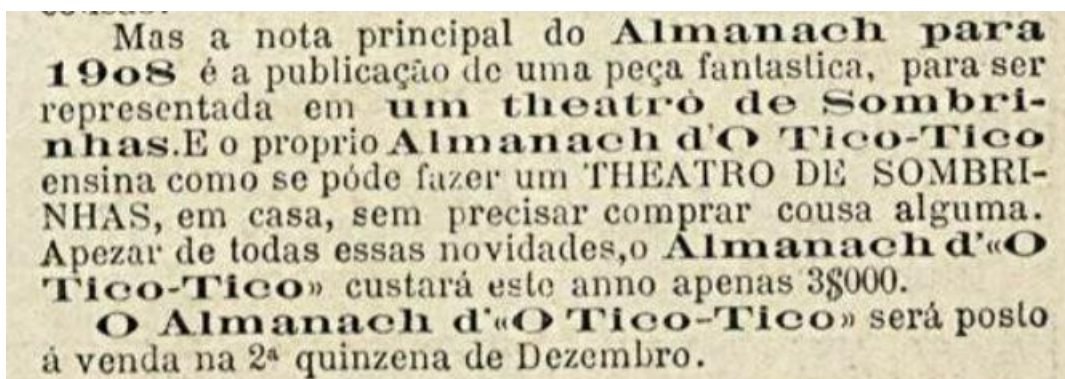
Fonte: O Tico-Tico, 1914, ed. 0462, p. 20

Frisar o traje correto para ir ao teatro é educar a população, desde a idade mais tenra, aos modos e costumes legitimados para frequentar o ambiente. Sabemos que não era qualquer cidadão que tinha oportunidade de ter tais vestimentas, uma vez que as echarpes e mantilhas, por exemplo, eram vendidas em “confeções de luxo”. (RIO DE JANEIRO, 1915, p.70)<sup>5</sup>.

Não só os trajes são divisores de acesso ao tema do teatro, como também a própria edição da revista O Tico-Tico, que disponibilizava material especial para e sobre o teatro. É comum na da revista aparecer cartazes com a divulgação de material sobre teatro a ser comprado à parte, como uma edição especial, ou seja, conteúdo restrito a quem conseguir pagar pelo almanaque, no valor de 3 mil réis.

<sup>5</sup> Seguindo o disposto no Decreto nº1726, de 31/12/1915, art.82, “H – Confeções de luxo – É o estabelecimento que vender echarpes, boas de pennas e pelles, mantilhas, manteaux, vestidos meio confeccionados, cortinas e cortinados”.

Figura 7 - Nota sobre a venda do almanaque do Tico-Tico



Fonte: Revista O Tico-Tico, 1907, 112 ed., p. 12

Para se ter uma noção do que esse valor representava na economia da época, pode-se ter como referência as despesas médias explicitadas pelo órgão *A Voz do Trabalhador*, trazidas por Lobo *et al.* (2013):

A *Voz do Trabalhador*, órgão da Confederação Operária Brasileira, apresenta cifras mais moderadas e provavelmente mais realistas. De acordo com essa fonte, em 1908 as fábricas de tecidos do Rio de Janeiro estavam alugando casas para famílias operárias por 8\$000, 10\$000 e 30\$000. Nessa oportunidade o jornal se queixava de que os salários dos tecelões tinham sido reduzidos de 1\$300 a 2\$000 por dia, para o nível de 600 a 1\$000 por dia no ano de 1908. Portanto, o aluguel mais baixo representava 44% do salário mínimo e o mais alto 50% do salário máximo. Em 1909, o mesmo jornal informa que as fábricas alugavam aos operários terreno para construir barraco por 75000 por mês e o direito de uso de água por 3\$000 por mês. (LOBO *et al.* 2013, p.256).

É possível observar que a revista *O Tico-Tico* acabava contribuindo para reforçar normas e condutas adequadas para se frequentar e assistir aos espetáculos teatrais. Não só os adultos eram orientados pelas publicações da época, em geral, como também as crianças e adolescentes recebiam os mesmos direcionamentos. Pela média aproximada do salário mínimo em contraposição ao preço de um almanaque especial sobre o teatro, publicado na revista, observa-se que também não eram todas as crianças e adolescentes que poderiam ter acesso, ou seja, muito provavelmente, só os filhos de famílias letradas e que frequentavam já o teatro que teriam acesso.

## 2.2. Representatividade negra na revista *O Tico-Tico*

Uma publicação especial da revista foi feita em 1961, intitulada “Declamação na Escola” e apresentava-se da seguinte forma: “estamos certos de que também “DECLAMAÇÃO NA ESCOLA” obterá êxito e irá ser de grande utilidade para as escolas e colégios” (O Tico-Tico, 1961, ed.2095, p.3). Percebe-se, então, que se trata de uma edição especial indicada para se usar de forma educativa, por professoras e professores, no espaço escolar. Em toda a publicação há somente duas representações negras, uma na peça intitulada “O Analfabeto” e a outra em “A cozinheira”.

Na primeira peça, há uma indicação de como o personagem deve ser caracterizado para a cena: “entra vestido de preto velho, de chapéu na mão, triste” (Revista O Tico-Tico, 2095. ed, p. 12). O monólogo conta a história de um homem idoso que só agora percebe a importância da instrução e que fica constrangido na frente de pessoas com mais estudo, a quem ele se refere como “doutô”. A peça retrata como isso lhe causa dor e sofrimento, sentimento esse expressado no último trecho da peça: “e digo sempre pra mim: é preferívemorrê da molésta mais ruim do que a gente assim se vê: numa tisca de papé nem mesmo o nome inscrevê! Oh! é bem triste, isso é, a gente num sabe lê...”. (Revista O Tico-Tico, 1961, p. 12).

Já na segunda peça, o monólogo traz o desabafo de uma cozinheira que acaba de ser demitida pela empregadora. No texto, a funcionária revela que era assediada pelo patrão e que por isso foi mandada embora, por conta do ciúme da patroa:

O patrão é um assanhado! O mau costume êle tinha de andá rondando a cozinha, a fazê-se de engraçado.... Eu nunca dei atenção, mas a patroa é ciumenta, chegou-lhe a mostarda às ventas, brigou, pintou com o patrão! E ódespois mandou-me embora! Já viro que desafôro? Tenho nada c’osnamôro de seu marido, senhora?! [...] (O Tico-Tico, 1961, ed. 2095. p.21)

Gouvêa (2005) analisou representações sociais sobre o negro, que compareciam nas produções literárias destinadas às crianças brasileiras, nas três primeiras décadas do Novecentos. A autora identifica que “a negra e o negro velho transformaram-se em personagens constantes, como agentes socializadores das crianças brancas, numa posição de servidão que revela a continuidade com o modelo escravocrata” (Gouvêa, 2005, p.84). Essa caracterização pode ser observada nos personagens elencados na revista O Tico-Tico, uma vez que o “preto

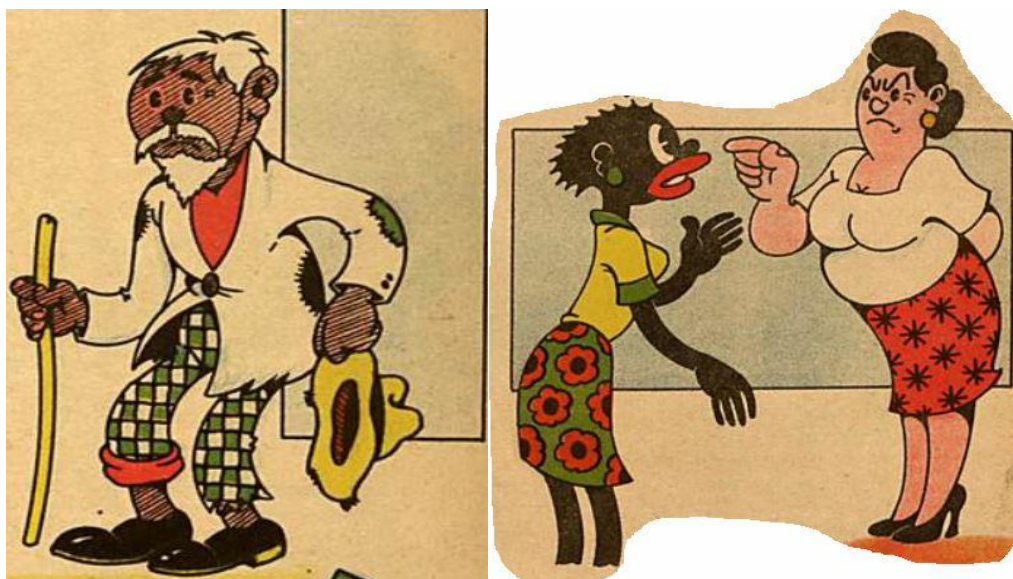


velho”, está “triste”, preferindo “morrer de moléstia” a não saber escrever. Com sua fala estereotipada, assim como a da cozinheira, a personagem demonstra para a criança e o jovem as mazelas de quem envelhece negro, pobre e analfabeto. Um reforço da importância de saber ler, de ter instrução.

Personagem sempre presente, mesmo que como coadjuvante, nas narrativas destinadas à criança do período, o negro surgia revestido de uma estereotipia que se repete basicamente em todos os textos analisados. O negro constituía personagem quase mítico, cuja inserção ao longo da narrativa destaca-se e diferencia-se dos demais personagens. (GOUVÊA, 2005, p.84).

E essa característica quase que mitificada pode ser observada não somente na fala das personagens, como também nas imagens. Seguindo Duborgel (1992), o uso das imagens é muito importante para o alcance das representações simbólicas dos personagens. Deve-se atentar ao uso pervertido da imagem; o autor enfatiza que as crianças passam por um processo de identificação da imagem associada à sua coerência conotativa, ou seja, através de uma figura, objeto ou narrativa, a criança busca em seu “museu imaginário” algo que se alinhe e se aproxime de sua realidade (DUBORGEL, 1992). O “preto velho” e a “cozinheira” são assim representados:

Figura 8 - Personagens das peças “O analfabeto” e “A cozinheira”



Fonte: O Tico-Tico, 1961, ed. 2095. ed. p.12 e 21

O “preto velho” é representado como um homem negro, com barba e cabelos brancos que demonstram sua idade avançada e com roupas remendadas, chapéu

com fiapos aparentes, que sinalizam para a sua miséria diante dos “doutôs” que encontrava. À sua pobreza visual é somada a intelectual, de quem não frequentou os bancos escolares. O que a peça não aponta é que o referido senhor, pela idade que aparenta, muito provavelmente foi escravo, antes da abolição da escravatura no Brasil<sup>6</sup>, o que justifica seu analfabetismo, visto que os negros, com exceção de alguns ingênuos<sup>7</sup>, não estavam matriculados nas aulas públicas, muito menos, nas privadas. A palavra “preto velho” carrega outro entendimento, aquele ligado à Umbanda e religiões de matriz africana e que tem uma função social importante dentro dos terreiros. Como demarca Rezende (2017, p.178), é o preto-velho “um dos responsáveis por manter viva uma memória da escravidão (com seus sofrimentos, sua resistência e sua superação) e, concomitantemente, por auxiliar no sobrepujamento das dores daqueles que o procuram”.

Ao contrário da primeira imagem, a que representa a cozinheira não aparenta a mesma falta de posses na vestimenta. O que a caracteriza como negra são as feições físicas demarcadas e a cor da sua pele. O demérito dela foi ter nascido, além de negra e pobre, mulher. Apesar da cena descrita caracterizar que o marido da patroa que estava assediando a cozinheira, é a funcionária que, subserviente, sai da casa e não o homem. Retomando o estudo de Gouvêa (2005), há semelhanças entre a presença de personagens negras presentes na literatura infantil:

Nos textos analisados, os personagens negros presentes nas narrativas do período eram invariavelmente descritos como: a negra velha, a preta velha, o preto velho, ou crianças negras que partilhavam, mesmo que numa posição social servil, o cotidiano das crianças brancas. De todas as narrativas investigadas, o negro ou negra jovem eram absolutamente ausentes, revelando uma exclusão social característica do período. O negro jovem era percebido como potencialmente perigoso, fonte de agitação, insubordinação ou vagabundagem. O resgate que se pretendia nas narrativas, tanto endereçadas ao público infantil quanto ao adulto, não era o do negro concreto, marginalizado do processo de modernização. Situado no passado, o negro era representante de uma relação marcada por subserviência e docilidade. (GOUVÊA, 2005, p.86).

---

<sup>6</sup> A Lei Áurea, oficialmente lei n.º 3 353 de 13 de maio de 1888, foi a lei que extinguiu a escravidão no Brasil.

<sup>7</sup> A Lei do Ventre Livre, lei n. 2.040, de 28 de setembro de 1871, conhecida também como Lei Rio Branco, é considerada um marco no processo abolicionista brasileiro. Nela foi definido que os filhos de mulheres escravas que nascessem no Brasil Imperial a partir da promulgação da lei, seriam livres. Essas crianças não seriam chamadas mais de escravas, mas como ingênuas, ainda que sobre a guarda e poder dos senhores das mulheres, suas mães, que deveriam criá-las até os oito anos de idade. (Silva 2000; Silva, 2011).



A revista *O Tico-Tico* também orienta a criança branca a como se travestir de negra, para encenar determinados papéis: “um avental, um pouco de carvão no rosto e lábios grosseiros de papelão transformam a menina mais formosa numa preta mina, d’aquelas que vendem vatapá, caruru e demais petisqueiras apimentadas” (*O Tico-Tico*, 1911, ed. 314, p.18). Esse tipo de caracterização é algo que atualmente é classificado como *blackface*, prática de se utilizar carvão e lábios grossos em atores brancos para que representassem personagens negras. Segundo Ribeiro (2014)

Comediantes faziam sucesso apresentando para um público formado por aristocratas brancos personagens estereotipados de pessoas negras com o intuito de ridicularizá-las. Além de pintar o rosto de preto, eles pintavam exageradamente a boca de vermelho para chegar a uma “representação ideal” do que julgavam ser o negro. (RIBEIRO, 2014, p.32).

Seja ou não classificada à época essa preparação para uma personagem negra – provavelmente baiana, que vende vatapá, caruru, etc., – alguns questionamentos surgem: não haviam crianças negras para as peças? E por que os papéis para negros eram demarcados de acordo com funções sociais específicas deixadas para eles exercerem? Considerando a inserção do negro na sociedade, nas décadas posteriores à abolição da escravidão, é possível aventar que poucos tinham condição econômica de comprar uma revista como *O Tico-Tico* para seus filhos e filhas encenarem peças em casa, com materiais confeccionados e custeados pelos mesmos.

### **2.3. Diferentes ou desiguais? A questão de gênero no *O Tico-Tico***

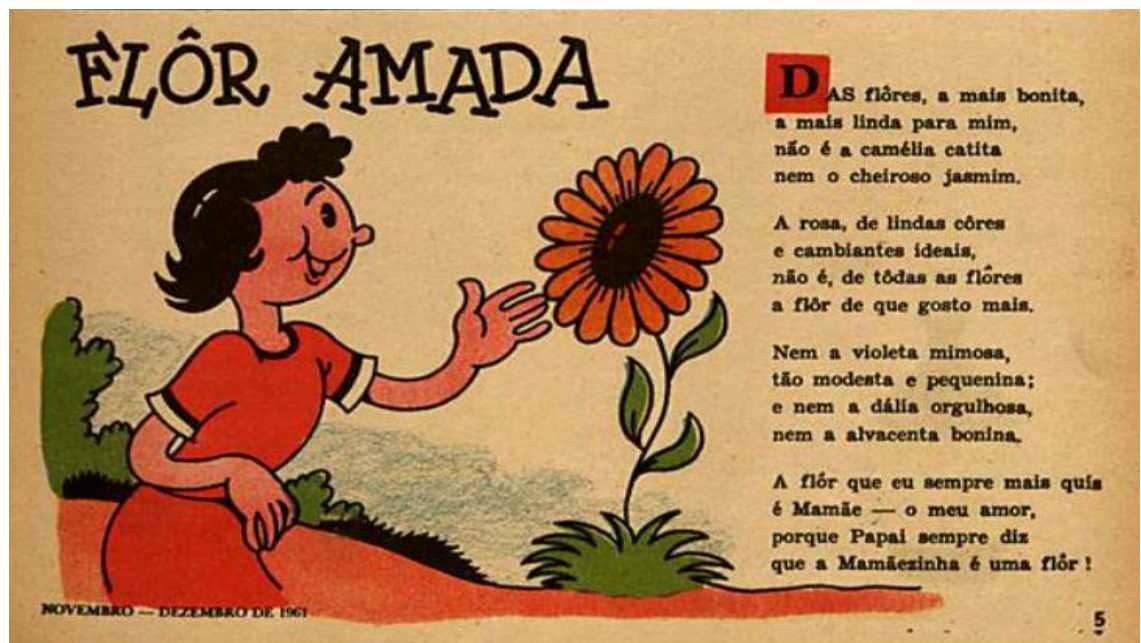
A revista *O Tico-Tico*, por ser um importante veículo de informações e ser possivelmente um material usado por professores, seguia os pensamentos da época. As crianças tinham que ter acesso a mídias que normatizassem a cultura de diferenciação entre homem e mulher, bem como uma educação que incentivasse as mulheres a se tornarem mães. No entanto, elas devem manter o corpo e alma puros. As imagens a seguir permitem visualizar esse momento onde a maternidade é exaltada nas peças teatrais.

Figura 9 - História retirada da revista O Tico-Tico intitulada “minha mestra”



Fonte: O Tico-Tico, 1961, ed. 2005, p. 5.

Figura 10 - Intitulada “Flor amada”, a maternidade é comparada às flores



Fonte: Revista O Tico-Tico, 2005. ed. 1961, p. 5.

Um olhar rápido para as representações femininas da imagem anterior, sem contrapô-las com o texto, pode deixar aquele que folheia a revista com a impressão de serem a mesma pessoa, uma vez que cabelo, olhos, nariz, orelha são muito parecidos, o que permite essa interpretação. Todavia, o jovem leitor que tivesse contato com o texto e analisasse a imagem por ele, poderia pensar que eram mulheres diferentes: a que escreve o texto seria a que está em pé e a professora a que está no quadro de coração. Na verdade, esse é um exercício hipotético que nos diz mais das possibilidades que uma professora ou professor poderia ter ao perguntar aos alunos sobre essa relação. Teriam dúvida se são a mesma pessoa – a professora – representada? Que exercício interpretativo lançariam mão? Do texto somente? Das imagens? Do confronto entre eles? Aqui identificamos que as duas imagens são da mesma pessoa – a professora – ora representada como aquela que recebe o aluno feliz com um aceno ou que dele se despede da mesma forma, ora como aquela que está no coração. Todavia, se a mesma criança ou jovem se atenta para a próxima imagem feminina, que contempla a flor, pode pensar que, além de professora ela é mãe ou que a mãe representada é igual a professora. São análises como esta que nos faz concordar com Lopes quando nos diz: "a mim me parece que, se ao falar em professora, fala-se em mulher/feminino, mãe, não posso deixar de tentar ouvir a psicanálise" (op. cit., p. 34).

As imagens permitem apontar ainda que, enquanto nas peças com personagens femininas os temas se restringem, em geral, à maternidade, etiqueta e tarefas domésticas, as peças masculinas apresentam diversidade de temas, apresentando temas corriqueiros como carnaval, férias, escola, profissões, etc. Sostisso (2010) atenta que:

Através de materiais didáticos e estratégias educativas de toda ordem, muitas e repetidas vezes, a escola aponta quais são as formas desejadas e dadas como "naturais" de família, paternidade, maternidade, corpo, masculinidade, feminilidade, sexualidade, etc. excluindo outras formas, inviabilizando saberes e experiências, classificando e hierarquizando as práticas e os sujeitos. (SOSTISSO, 2010, p.16)

Muitas vezes essas práticas reguladoras passam despercebidas dentro das mídias que de forma natural instiga a construção de identidades hegemônicas do seu público alvo, nesse caso as crianças.

## 2.4. Devoção à pátria e seus símbolos

Revistas como a *O Tico-Tico* são meios de circulação de informações para determinado público, nesse caso infantil, que seriam o sistema de “mídia” daquela época. Veículos de comunicação em massa como esses são um grande aliado do governo que utilizam como uma ferramenta para manipulação do consciente da sociedade. Segundo Moraes (1986):

Mas, ainda assim, o desvelamento das contradições pelos meios de comunicação é importante fator de controle social e de manutenção do status quo da classe dominante. Os meios de comunicação são capazes de envolver as pessoas na maior controvérsia política de que se teve notícia na história dos últimos anos, mas, ao mesmo tempo, contribuem para a exclusão das pessoas de qualquer participação real no poder e no processo. Enfim, cumprem um destino: manipular consciências para a ilusão participativa. (MORAES, 1986, p.63).

Em seus anos finais, há influência da ditadura militar no conteúdo da revista, que passa a ser mais patriótica e ufanista, além de exaltar os militares. A mídia contribui para construção de identidade e quando colocada para um público infantil, como é o caso da revista *O Tico-Tico*, têm grande impacto no molde das concepções dos pequenos. A mídia mistura divertimento e aprendizado e vai levando o leitor a uma série de convicções que contribuem para a sua formação. Ao se colocar diversas figuras de exaltação à bandeira (Figuras 11 e 12) a organização quer despertar no público (nas crianças) aquele sentimento, o problema é que a criança não tem experiência em digerir o conteúdo que lhe é transmitido pela mídia, ficando suscetível à influência.

Figura 11 - Imagem da Revista retirada da peça intitulada “Saudação à bandeira” onde mostra meninos exaltando a bandeira do Brasil



Fonte: O Tico-Tico, 1959, ed. 2082, p.11.

Figura 12 - Imagem que ilustra o texto intitulado “Sonho aos onze anos” onde a criança sonha em servir à pátria



Fonte: O Tico-Tico 1961, ed. 2095, p. 7.



Como aponta Azevedo e Lima (2017), nesse contexto, um verdadeiro espírito de nacionalismo envolveu vários setores sociais num movimento além da Europa e dos Estados Unidos, chegando à América Latina e, conseqüentemente, ao Brasil. As figuras patrióticas expostas na revista comprovam esse movimento, onde ainda segundo Azevedo e Lima (2017):

Tais alterações, oriundas do “comportamento civilizado”, exigiu que se projetasse uma evolução pelos tempos em prol do desenvolvimento das crianças, especialmente nos contextos institucionais, em especial, a escola, que a partir daquele momento passaria a contribuir para o desenvolvimento da criança brasileira. (AZEVEDO; LIMA, 2017, p.3).

A imagem com meninos uniformizados faz menção a uma padronização que se havia nas escolas, onde uma das ideias primordiais era a disciplinarização que se dava entre outras formas pelo padrão no vestuário e na postura corporal (Azevedo, 2017), essa última evidenciada com a compostura e olhar das crianças para cima tendo a bandeira como superioridade. As representações são todas masculinas, o que de acordo com Silveira (2009) nos faz refletir sobre “encontrar um lugar para o gênero feminino, o qual, nos moldes de então, não se julgava adequado para o confronto bélico.” (Silveira, 2009, p.260).

Leão (2007) dedicou um de seus artigos à análise de livros, impressos e leituras infantis entre 1890 e 1915, e citou a revista *O Tico-Tico* ironizando a valorização do militarismo do periódico:

Tudo o que os meninos leitores mais desejavam era assentar praça para defender a pátria. Daí, elaborarem, nas cartas que enviavam ao *Tico-Tico*, uma autoimagem de “pequenos oficiais” revelando formas de identificação e idealização das figuras adultas. As narrativas de verniz memorialista que os mais velhos guardavam no culto aos feitos heroicos dos soldados na Guerra do Paraguai formavam as imagens preferidas da criança. O poeta Olavo Bilac realizava essa operação sentimental em seus versos e contos pátrios. (Leão, 2007, p.4)

Os meninos estão olhando para o alto como se contemplassem a bandeira nacional. Essa exploração e exibição de símbolos nacionais, como a bandeira, comemorações cívicas, a produção de material escolar carregados de ufanismo demonstram a incorporação pela escola dessa função nacionalizadora (Silveira, 2009).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o objetivo do estudo era entender como as crianças e as peças teatrais estavam conectadas e representadas na revista *O Tico-Tico*, o primeiro capítulo ajudou na compreensão de como o teatro, ao longo do século XX, também era direcionado para o público infantil, mas possuía caráter moralizante.

No segundo capítulo, no caso da padronização, as relações de cor, gênero e classe social podem ser claramente indicadas. As elites se preocupam em fortalecer o modelo social da época que na revista é caracterizada pelo seu caráter conservador e sexista, que associa a pobreza ao negro, a mulher a desempenho de vulnerabilidade e as classes mais baixas à submissão.

De maneira geral, os discursos e imagens veiculados na revista *O Tico-Tico* são usados para alicerçar e espelhar as ideias dos atores: escritores, editores e o público (crianças), o importante valor do universo da burguesia e os coletivos letrados, ou seja, aqueles que têm poder de compra e direito de leitura. O discurso do periódico que defende o conservadorismo, patriotismo e reforça os valores da época atuou como um importante veículo de educação cívica e moral. Cristina Gouvêa (2005) demarca que:

De maneira característica, a literatura infantil definiu-se historicamente pela formulação e transmissão de visões de mundo, assim como modelos de gostos, ações, comportamentos a serem reproduzidos pelo leitor. Construiu-se a concepção de um texto literário em que o caráter pedagógico fez-se especialmente presente. Ao mesmo tempo, à menoridade da infância associou-se a menoridade da produção literária, no interior desse campo cultural. (GOUVÊA, 2005, p.81).

Nessa perspectiva, apresentamos ao longo desses trabalhos exemplos de como a Revista *O Tico-Tico* traz em suas peças teatrais um discurso que se mistura com os interesses políticos, sociais e econômicos da época de sua circulação. Como relembra Moraes (2019):

[...] a literatura infantil tinha como missão fortalecer a escola e a imagem do país para as futuras gerações. O gênero mesclava o didático, o folclórico e o patriótico. Mas, com o passar dos anos os interesses sociais, econômicos e políticos também eram abordados. (MORAES, 2019, p.146).

A valer, a revista *O Tico-Tico* publicou discursos tipificados que historicamente estão relacionados com o tempo de lançamento. E não se tratava de

uma criança qualquer, o periódico tinha como público a criança de classe média que, como aponta Vergueiro (2008):

A revista *O Tico-Tico* elegeu como seu público preferencial a criança de classe média, oriunda de uma família solidamente constituída, temente a Deus, respeitadora dos valores pátrios, matriculada em instituições educacionais for mais, com uma inteligência superior à média e submissa aos preceitos morais predominantes na sociedade brasileira; ela assentou suas energias nos filhos da classe média urbana, pautando-se pelos interesses, desejos e gostos desse segmento social, dessa forma reforçando em suas páginas os modelos aceitáveis de comportamento que podiam colaborar para a permanência do padrão social vigente. (VERGUEIRO, 2008, p.31).

É importante lembrar que nenhuma produção é neutra, “filmes, desenhos animados, livros infantis ou revistas de histórias em quadrinhos dirigidos ao público infantil são produzidos a partir de uma imagem específica de criança que se deseja moldar.” (VERGUEIRO, 2008, p.30) e a revista *O Tico-Tico* não fugiram à regra. Portanto, pode-se dizer que o responsável pelas publicações defendia uma revista que pudesse colaborar na futura integração infantil ao mercado produtivo, ajudando a formar adultos que acreditassem no mercado de trabalho e participassem do capitalismo ascendente.

Apesar do trabalho ter conseguido cumprir com o objetivo traçado, ele permite visualizar outras opções de pesquisa, como, por exemplo, uma que se volte para as possíveis circulações da revista entre professoras e professores, hipótese essa lançada ao longo do segundo capítulo. Ou ainda, como uma possibilidade para mestrado, percorrer com todas as representações de teatro de todo o período de circulação da revista.



## **PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

Em termos profissionais, de imediato pretendo distribuir meu currículo em todas as escolas do DF em busca de uma oportunidade de emprego, pois preciso me equilibrar financeiramente. Feito isso, penso em estudar para o concurso da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, pois ser servidora pública de certa forma me traz a estabilidade que eu preciso. Quero ser uma professora marcante na vida de meus alunos, tentando levar para a práxis pedagógica a teoria que me foi dada na Universidade.

Não tenho planos, ainda, quanto à pós-graduação ou alguma especialização. Mas se fosse para escolher uma área, seria EJA ou educação infantil por ter sido áreas que me identifiquei com os estágios durante minha trajetória na UnB.

Não medirei esforços para sempre dar meu melhor, seja dentro ou fora da sala de aula e fazer a diferença onde minha experiência educacional se fizer necessária.

## REFERÊNCIAS

ACERVO – O TICO-TICO a mais importante revista voltada para o público infanto-juvenil no Brasil. **Biblioteca Nacional (BN)**. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/explore/curiosidades/acervo-tico-tico-mais-importante-revista-voltada-publico>. Acesso em 07 dez. 2020.

ALENCAR, Maria Garcia. **A Revista "O Tico-Tico" e a escrita infantil em circulação no encarte " Meu Jornal": seus autores e leitores (1935-1940)**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

ALMEIDA, Jane Soares de. A construção da diferença de gênero nas escolas – Aspectos históricos (São Paulo, séculos XIX-XX). **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 1, p. 65-77, 2015.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. **Pais e Filhos na Província do Paraná: uma história da educação da criança pela família**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

ARAÚJO, Christiane Guimarães. **Um contexto inovador: A arte como base para o processo ensino-aprendizagem na educação básica**. 2018. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2018.

AZEVEDO, Nair Correia Salgado de; LIMA, José Milton de. Culturas lúdicas infantis na escola: entre a proibição e a criação. **Colloquium Humanarum**. v. 14, n. 4, p. 21-31, 2017.

BARBOSA, Analedy Amorim; MAGALHÃES, Maria das Graças S. Dias. A concepção de infância na visão Philippe Ariès e sua relação com as políticas públicas para a infância. **Examãpaku: Revista Eletrônica de Ciências Sociais, História e Relações Internacionais**, 2008.

BARBOSA, Etienne Baldez Louzada. **Por terra, por água, pela leitura: as conexões dos responsáveis pela inspeção e instrução pública no Paraná (1854-1890)**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

BARBUY, Heloisa. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**. São Paulo, v.4, n.1, p.211-261, jan./dez. 1996. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47141996000100017&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47141996000100017&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 06 dez. 2020.

BASTOS, Maria Helena Camara. **Manual para os jardins de infância: ligeira compilação pelo Dr. Menezes Vieira – 1882**. Porto Alegre: Redes Editora, 2011.

BORGES, Valdeci Rezende. Lutas de representação: combates de José de Alencar por uma narrativa “moderna” e brasileira. **ArtCultura: Revista de História, Cultura**

**e Arte**, Uberlândia, v. 8, n. 13, p. 65-84, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1429>. Acesso em: 05 dez. 2020.

CAMARGO, Angélica Ricci. As ideias em debate no Primeiro Congresso Brasileiro de Teatro (1951). **ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte**, Uberlândia, v. 14, n. 24, p. 153-166, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/issue/view/972>. Acesso em: 05 dez. 2020.

CHAMON, Carla Simone. Paraíso das crianças: o kindergarten nos Estados Unidos entre meados do século 19 e início do 20. **História da Educação [Online]**, Porto Alegre, v. 20, n. 48 p. 15-33, Jan./abr. 2016. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2236-34592016000100015&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2236-34592016000100015&script=sci_arttext). Acesso em: 06 dez. 2020.

CHAMON, Carla Simone. **Escolas em reforma, saberes em trânsito: a trajetória de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1869-1913)**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

DUBORGEL, Bruno. **Imaginário e Pedagogia**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

CHARTIER, Roger. **Formas e Sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

CARVALHO, Marta Maria C. de. Apresentação. *In*: BICAS, Maurilane de Souza. **O impresso como estratégia de formação: Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940)**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

CEBULSKI, Márcia Cristina. **Introdução à história do teatro no ocidente: dos gregos aos nossos dias**. Guarapuava: Unicentro, 2013.

DIAS, José da Silva. **Teatros do Rio: do Século XVIII ao Século XX**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2012.

EXPOSIÇÃO em Paris. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ano 15, n 170, p.01, 16 jun. 1889.

FÁVERO, Alexandre. **Cartilha brasileira de teatro de sombras: estudos e propostas para criar e experimentar um teatro de sombras contemporâneo**. Porto Alegre: Clube da Sombra e Cia Teatro Lumbra, 2010. Disponível em: [https://www.spescoladeteatro.org.br/wp-content/uploads/2017/10/Cadernos-de-Luz\\_Cartilha-Brasileira-de-Teatro-de-Sombras.pdf](https://www.spescoladeteatro.org.br/wp-content/uploads/2017/10/Cadernos-de-Luz_Cartilha-Brasileira-de-Teatro-de-Sombras.pdf). Acesso em: 05 dez. 2020.

GOLINELLI, Juliane Rembis Costa. A Cruzada pela Infância – O Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro. *In*: IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADES E EDUCAÇÃO. Curitiba, UFPR, 2017.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89,

jan./abr. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/a06v31n1>. Acesso em: 05 dez. 2020.

INSTITUTO HISTORIAR. **Projeto Historiar**: preservando a nossa história. Parabéns, Campos, pelos 185 anos de elevação a categoria de cidade. Postado por Leandro Lima Cordeiro, 28 mar. 2020. Disponível em: <http://institutohistoriar.blogspot.com/>. Acesso em nov.2020.

KUHLMANN JR, Moysés. Políticas para a educação infantil: uma abordagem histórica. *In: Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

KUHLMANN JR, Moysés. Histórias da Educação infantil brasileira. Ver. Bras. Educ. [online]. N.14, pp.5-18. 2000.

LARCHER, Lucas. A poética da morte: formas animadas..., imaginação, projeção(ões) e infâncias em cena. **Conceição/Conception**, Campinas, v. 5, n. 2, p. 128-144, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8648049>. Acesso em: 05 dez. 2020.

LEÃO, Andréa Borges. Brasil em imaginação: livros, impressos e leituras infantis (1890-1915). *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 26, 2003, Belo Horizonte. Belo Horizonte: INTERCOM, 2003.

LEYVA, Luvel Garcia. Em busca de uma Semântica do Teatro Infantil. Algumas reflexões à luz da contemporaneidade. **Revista Aspas**, v.4, n. 2, p. 27-38, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/86291>. Acesso em: 06 dez. 2020.

LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer; MADUREIRA, Lucena Barbosa; CANAVARROS, Octavio; FERES, Zakia; GONÇALVES, Sonia. Evolução dos preços e do padrão de vida no Rio de Janeiro, 1820-1930 - resultados preliminares. **Revista Brasileira de Economia - RBE, EPGE Brazilian School of Economics and Finance**, v. 25, n. 4, Out. 1971.

LOPES, E. M. A educação da mulher: A feminização do magistério. *Teorias e Educação*. Porto Alegre, n.4, pp.22-40.1991.

MERISSE, Antônio. As origens das instituições de atendimento à criança: o caso das creches. *In: MERISSE, Antônio. et. al. Lugares da infância: reflexões sobre a história da criança na fábrica, creche e orfanato*. São Paulo: Arte Andamp; Ciência, 1997. p. 25-51.

MIGUEL, Renato. **Teatro na escola: alguns de seus possíveis desdobramentos**. 2017. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Artes Cênicas) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio**. Livro I. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MORAES, G. G. **Coordenação da leitura e da escrita: aluno**. v. 1. São Paulo: Cortez, 1986. 200p.

MORAES, G. G. **Coordenação da leitura e da escrita: aluno**, v. 2. São Paulo: Cortez, 1986. 200p.

MORAES, Isadora Bastos de. **Para ler e ver: Narrativas sobre a Amazônia na revista O Tico Tico (1914-1945)**. 2019. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997. 231 p.

PEREIRA, Luana Mara. Teatro de sombras na contemporaneidade: percursos e reflexões. **DAPesquisa**, v. 6 n. 8, p. 138-147, 2018. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/13999>. Acesso em: 05 dez. 2020.

PEREIRA, Maria de Lourdes. **A arte como processo na educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1982.

REVERBEL, Olga Garcia. **Um caminho do teatro na escola**. São Paulo: Scipione, 1997.

REZENDE, Livia L. Pretos-velhos: o sagrado e o mágico na encruzilhada das religiões. **Faces de Clio**. Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História, UFJF. v. 3, n. 6, jul./dez. 2017.

RIO DE JANEIRO. **Decreto nº 1.726, de 31/12/1915**. 38. ed. Coleção de leis municipais e vetos, 1915.

RIZZINI, Irene. **O século perdido: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SALOMON, Marlon; CAMPOS, Raquel. Do mundo como representação à multiplicidade das formas de representação do passado: uma conversa com Roger Chartier. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 9, n. 22, p. 296-319, jan. 2016. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1185>. Acesso em: 06 dez. 2020.

SILVA, Adriana Maria Paulo da. **Aprender com perfeição e sem coação: uma escola para pretos e pardos na Corte**. Brasília: Plano, 2000.

SILVA, Noemi Santos da. Aprender a liberdade: reflexões sobre projetos e práticas de escolarização de escravos, libertos e ingênuos no Paraná (1871-1888). **Revista Vernáculo**, n. 28, 2º sem. p. 149-185, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/33365/21296>. Acesso em: 05 dez. 2020.

SILVA, Viviane dos Reis. Infância na modernidade brasileira: escolarização das crianças nos grupos escolares. *In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E FÓRUM PERMANENTE DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL*, 2017.

SILVA, William Vagner da. **O movimento corporal na educação infantil**: Em busca da compreensão do cotidiano da sala de aula. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2011.

SILVEIRA, Rosa Hessel. Gênero, heroísmo e patriotismo em obras de literatura para crianças. **Revista HISTEDBR On-line**, vol. 34, 2009.

SOSTISSO, Débora Francez. Interfaces entre infância, gênero e escola: dialogando com crianças. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO*, 9, 2010: Florianópolis. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: [http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278256282\\_ARQUIVO\\_artigo-TCC-Fazendogenero.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278256282_ARQUIVO_artigo-TCC-Fazendogenero.pdf). Acesso em: 05 dez. 2020.

TOLEDO, César de Alencar Arnaut de; SKALINSKI JUNIOR, Oriomar. A imprensa periódica como fonte para a história da educação: teoria e método. **Revista HISTEDBR On-Line**, Campinas, v. 12, n.48, p. 255-268, dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640020>. Acesso em: 05 dez. 2020.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. A postura educativa de O Tico-Tico: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 23-34, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/42300>. Acesso em: 05 dez. 2020.

